



Entrevista com ESTEVÃO DA FONTOURA

Poéticas e políticas da visibilidade



O artista e educador **Estevão da Fontoura** faz um corajoso depoimento sobre sua trajetória e sobre os sistemáticos apagamentos no campo das artes e do ensino. Estevão concedeu essa entrevista à professora **Gabriela Canale Miola**, especialmente para o Boletim Kultrun.

- Nem sempre as artes são sinônimos de liberdade e cidadania. Em certos momentos e espaços históricos as artes se prestam a produzir hegemonias, apagamentos e até perseguições. Desvelar esses mecanismos têm feito parte da sua prática como artista, pesquisador e educador. Qual a importância dessa perspectiva no seu trabalho?

A perspectiva descolonial e o ativismo antirracista têm sido fundamentais na minha produção artística, para que esta faça sentido. Diante das grandes limitações e dificuldades materiais impostas a um artista como eu, oriundo de família negra e pobre, o ativismo se torna imperativo, pois as barreiras estruturais são quase intransponíveis, a menos que se construa a consciência de quem se é e se utilize politicamente essa consciência, convertendo-a em potência. Ao artista negro e negra não é possível ficar tranquilo só se preocupando com questões estéticas e formais, não é possível estabelecer um diálogo tranquilo com a história da arte, pois essa mesma finge que os nossos não estiveram por ali, escondendo deliberadamente a existência de artistas negras e negros nas mais diversas áreas e modalidades artísticas. Assim, nós precisamos, além de mostrar que existimos, que pensamos, que criamos e que somos tão bons quanto quaisquer outros e outras, fazer a pesquisa sobre os que vieram antes



de nós e forçar para que seja dada a devida importância, a devida visibilidade e reconhecimento. Portanto é um trabalho constante de afirmação e de disputa por espaço. É uma luta semelhante à das mulheres ao longo do século XX que, com os movimentos feministas, conquistaram espaço, visibilidade e direitos. As lutas da população negra no Brasil são antigas, desde os tempos da escravidão. Lutas políticas por direitos e representatividade e a resistência cultural na artes como um todo, na culinária, na religião, na literatura, no cinema, tem como expoentes nomes como o dramaturgo, artista visual e deputado federal Abdias do Nascimento, o poeta Oliveira Silveira, o geógrafo Milton Santos, a filósofa Lélia González, a atriz Ruth de Souza, só para citar alguns nomes de figuras importantíssimas para a história da arte e da cultura brasileira. Hoje em torno de cento e doze milhões de pessoas no Brasil se autodeclaram negras, o que representa mais da metade da população do país. Ou seja, expoentes da cultura negra brasileira, são expoentes da cultura brasileira e não podem ser "esquecidos".

- De que forma você articula a prática como artista, pesquisador e educador em um contexto histórico de desvalorização dessas três atividades? Como dar a ver a relevância das artes, da pesquisa e da educação nos nossos dias?

A melhor resposta a esta desvalorização, que é tremenda nos dias atuais, tem sido a indissociabilidade das três. Ou seja, tem crescido em mim a postura de não tentar separar os diferentes papéis nos quais atuo, deixando que as áreas se contaminem. Venho pensando sobre isso há pelo menos quinze anos, com um estímulo inicial da amiga também artista e professora Carla Borba, que hoje reside e trabalha em Vitória, mas tem sido nos últimos seis anos, desde o ingresso como professor titular no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), em abril de 2015, que essa questão tem tomado proporções mais importantes. Tenho desenvolvido projetos artísticos pessoais e conquistado fomento público via editais de governos e desenvolvido projetos de extensão dentro do IFRS, com fomento dos editais internos. Desde que concluí a pesquisa do mestrado em 2019, não venho realizando pesquisa, apesar de que venho pensando que talvez algumas das minhas iniciativas pudessem funcionar mais como pesquisa do que como extensão. Costumo cadastrar meus projetos de arte como atividades de extensão do campus, assim, além de incluí-las no meu plano de trabalho, posso dispor da infra-estrutura da instituição como apoio à realização de tais projetos. Tem sido uma forma interessante, ainda mais no contexto recente de termos aprovado em 2020 a Política de Arte e Cultura do IFRS, que prevê



recursos específicos para investimentos na áreas artísticas e culturais e sua crescente valorização na instituição.

- Você integrou o grupo que produziu o 'Arte Negra na Escola', material didático produzido pelo Departamento Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Qual a proposta desse projeto e como educadores e estudantes podem ter acesso a esse conteúdo?

A ideia é proporcionar à professoras e professores de arte do Rio Grande do Sul (tiragem de mil exemplares) o acesso a um material de qualidade e pensado para a sala de aula que apresente a obra de artistas negras e negros do estado. É dar conta de preencher a lacuna deixada pela história, como comentei anteriormente, e também promover e reconhecer o trabalho de tais artistas. O material que foi distribuído gratuitamente à professoras e professores e bibliotecas de escolas públicas municipais e estaduais, já está no segundo volume, o primeiro foi publicado em 2018 e recebeu o Prêmio Açorianos de Artes Visuais, trazendo as obras dos artistas Carlos Alberto de Oliveira, o Carlão (Novo Hamburgo, 1951-2013), Leandro Machado (Porto Alegre, 1970) e Pelópidas Thebano (Porto Alegre, 1934). O volume dois traz trabalhos de Irene Santos (Porto Alegre, 1947), Mitti Mendonça (São Leopoldo, 1990) e Paulo Só (Porto Alegre, 1946). Ambos volumes podem ser baixados em PDF no site do DEEDS: Material Pedagógico — Departamento de Educação e Desenvolvimento Social – DEEDS

- Sua obra “Quadro Negro” apresenta um panorama da desigualdade do acesso ao ensino no Brasil. Como você avalia a contribuição da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio?

Uma breve, mas importante, correção: em todos os níveis de ensino (inclusive graduação e pós-graduação). Essa abrangência foi regulamentada pelo Conselho Nacional de Educação na Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004¹. Estas leis, junto com a 12.712/2012, conhecida como lei de cotas, têm sido muito importantes para dar às instituições públicas de ensino, principalmente às federais, que têm o histórico de escassez de oferta de vagas e de proporcionar formação de altíssima qualidade, uma diversidade que corresponda a diversidade da população brasileira. Recentemente foram divulgados números do ingresso na USP e, pela primeira vez na história da instituição, nove anos após a promulgação da lei de cotas, a maioria dos ingressantes

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>



é oriunda de escola pública, como diz a matéria do jornal da universidade: "Em 2021, a USP registrou o índice de 51,7% de alunos matriculados oriundos de escolas públicas em seus cursos de graduação e, dentre eles, 44,1% autodeclarados pretos, pardos e indígenas (PPI). Trata-se do maior percentual atingido pela Universidade desde o início da reserva de vagas destinadas a esses estudantes, aprovada pelo Conselho Universitário em 2017. Das 10.992 vagas preenchidas este ano, o que representa 98,8% do total, 5.678 são alunos de escolas públicas e, desses, 2.504 são PPI."² Ou seja, levou nove anos para que a lei de cotas atingisse seu objetivo de democratizar o acesso para as parcelas da população que estiveram historicamente excluídas por questões estruturais como o racismo. Com isso quero dizer que ainda serão necessários muitos anos de políticas de reparação para que seja feita justiça histórica. Mais uns 338 anos de cotas e a gente vai começar a ver a justiça sendo feita. Essa questão se relaciona com a questão anterior, pois o material produzido no DEDS-UFRGS vai ao encontro de viabilizar a concretização da lei 10.639, que ainda não está plenamente efetivada, por falta de materiais e por racismo institucional mesmo. Tem sido um trabalho difícil e constante. Em geral estudantes recebem muito bem os conteúdos relacionados a história e cultura africana e afro-brasileira, mas professoras e professores brancos ainda resistem e as vezes distorcem o conceito de lugar de fala para justificar sua negligência.

- Quais as perguntas você acha que precisamos nos fazer e que desafios precisamos enfrentar na vida cotidiana, ordinária, de sala de aula e ensino remoto para reduzir os danos da colonização mental?

Precisamos estar sempre alertas para não cairmos em soluções fáceis e não sermos vencidos pela preguiça ou pela dificuldade da mudança. Eu por exemplo, venho fazendo psicoterapia e estou passando pelo processo de autoanálise, autoconhecimento e autocura emocional e afetiva. Busquei muito por causa dos ataques racistas que sofri no ambiente de trabalho reiteradas vezes ao longo de 2019, mas essa motivação inicial é só uma das coisas que o processo terapêutico vem tratando. Outra, muito importante, tem a ver com ser homem: o machismo me privilegia. Já sofri muitas acusações de ser e/ou ter postura machista, por parte de estudantes e colegas mulheres. Na maioria das vezes reagi com irritação ao me defender e prontamente dizer que não era. Mas muitas vezes era sim, e hoje percebo cada vez mais. Percebo quando sou machista e tenho a possibilidade de pedir desculpas na hora e de cuidar para não ter mais esse tipo de postura. Ou seja, o que quero dizer ao expor esse processo tão

² Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/>



peçoal, é que não é fácil transformar, mudar, crescer. Não é fácil no processo individual e é mais difícil ainda no processo coletivo. As perguntas que acho importantes serem feitas estão relacionadas À fomentar o pensamento livre e emancipado de nossos e nossas jovens. Percebo muito a influência da televisão, do pastor, dos pais. Depois de muitos anos de sala de aula é possível perceber aquilo que a pessoa te diz pois é o que ela pensa e aquilo que ela está apenas reproduzindo o que outros pensam, repetindo um discurso. Sinto que meu papel como professor e como artista é cada vez mais questionar de onde as pessoas tiram as informações e no que baseiam suas reflexões e como isso afeta sua postura. Meus trabalhos, muitos deles, buscam provocar reflexões, promover uma dúvida, uma incerteza e, eventualmente fornecer um caminho possível para essa reflexão, como em "A Revolução Será Televisada".

- A pesquisa intitulada História da arte, de Bruno Moreschi³, demonstra que dos artistas citados nos livros mais utilizados no ensino de Artes Visuais no Brasil apenas 8,8% são mulheres, 0,9% são artistas negros e negras e somente 0,08% são mulheres negras. Em um elenco de 2.443 artistas esses livros citam apenas 2 mulheres negras. Qual seria o papel das universidades no processo de reverter esses apagamentos e violências simbólicas?

Estes dados mostram que o racismo estrutural é brutal! Que pesquisa importante, eu não conhecia. A universidade tem (ou deveria ter) vários compromissos na transformação deste quadro. O primeiro deles me parece que estamos começado a alcançar com o que temos visto como resultado da política de cotas, como já foi dito aqui, que é o de formar mais pessoas negras: artistas, professoras e professores de arte, historiadoras e historiadores da arte, museólogas e museólogos, jornalistas, designers, enfim, profissionais que assumirão o protagonismo em áreas onde se possa dar visibilidade e garantir a representatividade negra no meio artístico e do ensino de arte. Claro que outras áreas são muito importantes, principalmente as de boa remuneração e status social, como medicina e direito, para a reversão das violências as quais estamos tratando aqui. Outra forma de atuação da universidade é fomentar a produção de materiais educativos, como o criado pelo DEDS-UFRGS, colocando a estrutura e o poder das universidades a favor desta luta. Ainda, a universidade tem a prerrogativa de criar projetos de extensão e pesquisa, e aí pode-se colocar o foco das relações étnico-raciais e no antirracismo e decolonialismo. Além disso, em seus espaços expositivos e galerias promover exposições de arte negra. Adotar as cotas também nos concursos para diversificar as equipes técnicas e docentes. Enfim, as Universidades

³ Disponível em: <https://historiadrte.cargo.site/>



PODEM fazer muito, algumas vem cumprindo seu papel, mas todas DEVEM respeitar e cumprir as leis. A legislação está aí, se for cumprida já é uma grande coisa.

- Para tornar esse espaço de entrevista mais uma ferramenta de combate aos apagamentos gostaria de pedir uma ajuda para darmos criarmos visibilidades. Você poderia sugerir pessoas e/ou ideias que acha importante que nossos leitores conheçam?

Uma artista que vem conquistando espaço e tem um trabalho incrivelmente potente na área da performance é a Priscila Rezende, de Belo Horizonte. Vale a pena buscar uma entrevista com ela e divulgar seu trabalho: www.priscilarezendeart.com

Estevão da Fontoura é artista multimídia, mestre em Informática na Educação pelo IFRS, especialista em Pedagogia da Arte pela Faculdade de Educação da UFRGS (2009) e Licenciado em Artes Visuais (2018) e Bacharel em Artes Plásticas (Habilitação em Desenho) pelo Instituto de Artes da UFRGS (2003). É professor de arte no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus Osório. Foi curador das mostras brasileiras nas trienais Eksperimental! 2014 e 2017, em Tallinn, Estônia. Foi vencedor do Prêmio Funarte de Arte Negra, em 2012, com o Projeto Casa Grande, do qual foi co-autor. Em 2013 realizou performances e intervenções na Escola Caseira de Invenções da 9ª Bienal do Mercosul e também na mostra artística Cabaré do Verbo. Participou do Projeto Pedagógico da Bienal do Mercosul, de 2005 a 2011, tendo sido co-autor das Fichas Práticas, material educativo da 7ª edição da mostra, em 2009. Desde 2008 vem apresentando e publicando artigos em congressos nacionais e internacionais, sobre projetos pedagógicos, projetos artísticos e ensino de arte, tendo publicado em Portugal, na Finlândia e na Austrália, além do Brasil. Ministrou diversas oficinas e cursos de extensão e de formação de professores em Portugal, desde 2009, sempre em parceria com a Casa da América Latina e outras instituições como CCB, APECV e IADE. Atuou como professor na rede privada de ensino em Porto Alegre de 1999 a 2017. Participa desde 2008 da Rede Ibero-americana de Educação Artística.

Site: <https://www.estevaodafontoura.com/>

Gabriela Canale Miola é servidora pública federal. Pesquisa as relações interartes desde perspectivas decoloniais, em especial no que se refere às Artes Contemporâneas e suas relações com o Meio Ambiente. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), mestre em Letras, especialista em Estudos Literários.

E-mail: gabicanale@gmail.com

Site: www.gabrielacanale.com.br



ESTEVIÃO DA FONTOURA

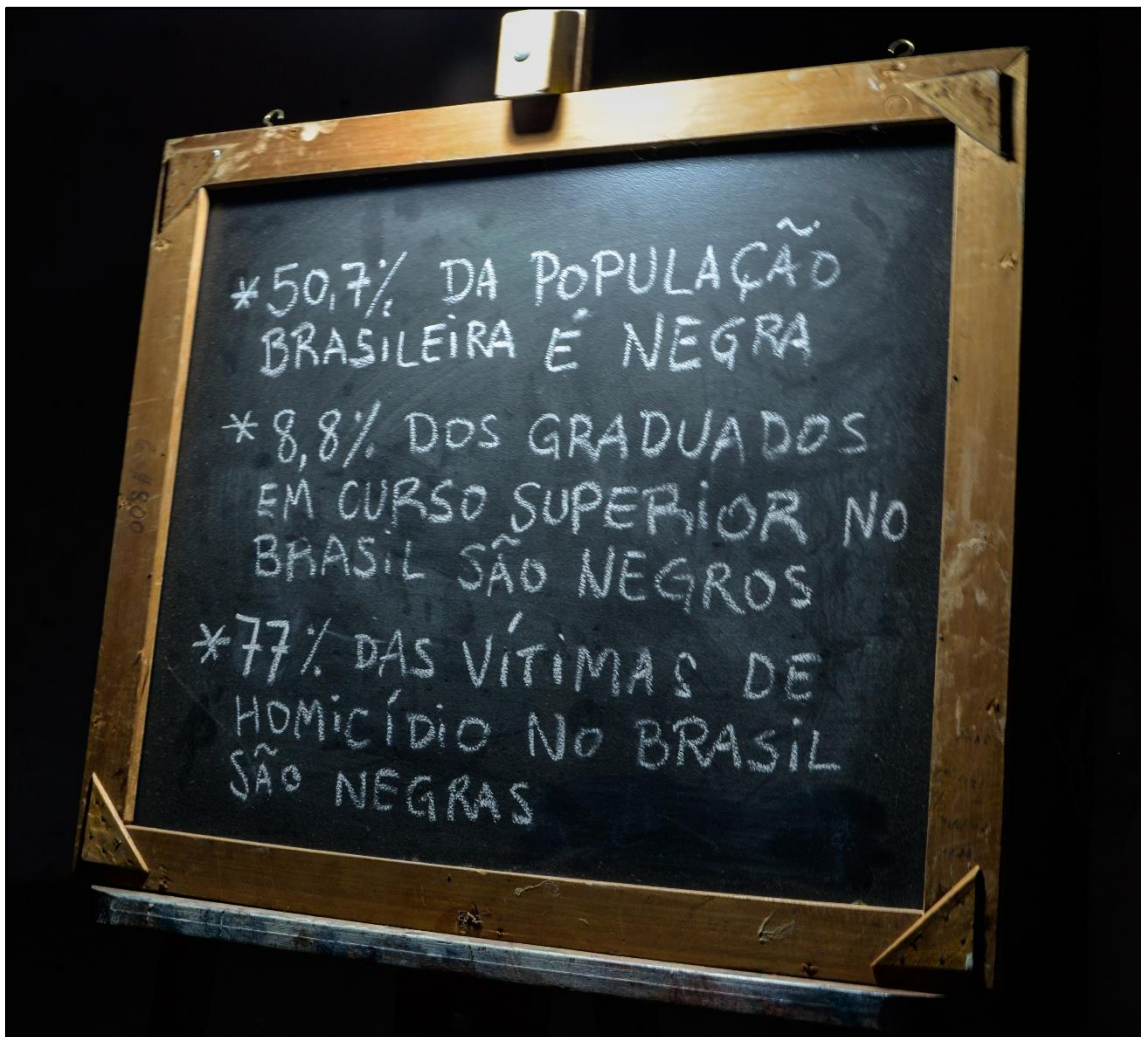
Poéticas e políticas da visibilidade



Desobediencia



A_R_S_T_Alianca_Francesa



Quadro negro